O Espiritual, em Cruz e Sousa

José Valdivino

A personalidade e a obra de Cruz e Sousa são motivos constantes de análises e observações dos estudiosos da nossa Literatura. O martírio obscuro do Negro ilustre comove ainda os que se dão ao trabalho de interrogar às letras patrícias dos segredos e belezas que ornam o acervo intelectual do simbolista imenso.

Filho de escravos, educaram-no, porém, no ambiente fidalgo da casa do Marechal-de-Campo Guilherme Xavier de Sousa, em Santa Catarina.

A generosidade do lar de adoção deu-lhe margem para enriquecer-se de apurada cultura.

Seu espírito, decerto, aguardava da vida o presente da felicidade. Isso lhe foi negado.

Funcionário público, empregado de jornal, "ponto" de uma companhia de comédias, inadaptado aos ambientes que se lhe tornavam hostís, carregando, no sangue, a angústia letal da raça a que pertencia, e, no rosto, o estigma da côr — sòmente êle soube "que cruz infernal prendeu-lhe os braços e o seu suspiro como foi profundo". (apud "Vida Obscura").

Casado, morreu-lhe a espôsa "passageiramente louca em 1896" — como diz Andrade Muricy.

Morreram-lhe os filhos. E, aos 36 anos, morre êle, tuberculoso, abandonado e pobre.

Sua obra bem nos poderia ser a mensagem de uma imprecação, um grito insopitado de revolta contra a vida e contra os homens.

Graças, porém, ao domínio da sua grande fôrça interior, à rijeza do seu carácter, soube ser nobre na sua dor.

Haveria êste poeta de ser o intérprete autêntico de uma corrente literária, onde palpitava sutil espiritualismo.

Cruz e Sousa abroquelou-se no Simbolismo.

Viveu-o. Sentiu-o. Amou-o.

Foi para êle a luminosa esfera, para onde ascendia, tôda vez que na sua grande alma de artista sofria o duro remoque da incompreensão dos seus e da sua época.

Quando a auréola da glória nimbava o parnasianismo, Cruz achou de melhor alvitre não lhe seguir o vôo periférico, para engolfar-se na imponderabilidade do símbolo, para aprofundar-se no espírito da corrente literária, por natureza mais profunda.

Em 1893, publica "BROQUÉIS".

Críticos lêem êsse livro, e vêem nêle a voz da libido do grande negro, brotando, palpitando em arremessos de sensualidade, espécie de válvula de escape a recalques inerentes à raça.

O Poeta esculpe em "Lésbia" o

"Cróton selvagem, tinhorão lascivo,
Planta mortal, carnívora, sangrenta"

e confessa que

"*Da* sua *carne báquica rebenta*
A vermelha explosão de um sangue vivo".

Canta, como se recebesse lições de Augusto dos Anjos:

"*Lésbia nervosa, fascinante e doente,*
Cruel e demoníaca serpente
Das flamejantes atrações do gôzo,

Dos teus seios acídulos, amargos,
Fluem capros aromas e letargos,
Os ópios de um luar tuberculoso".

(Broquéis, 25)

Roger Bastide, no seu "A Poesia Afro-Brasileira", em análises sôbre a de Cruz e Sousa, assinala que o Poeta alimentava a vontade de "ocultar as suas origens, de subir racialmente, de passar, ao menos, em espírito, a linha de côr. É a expressão de uma imensa nostalgia: a de se tornar ariano". (Op. cit., pág. 89).

É fato. "Lubricidade" encarna a angústia tremenda da matéria. Diz que "quisera ser a serpe venenosa" e ser envolvido "nos flavos turbilhões dos seus cabelos". Depois, "quisera ser a serpe veludosa" e

"*saltar*-lhe *aos seios de fluidez cheirosa*
E babujá-los e depois mordê-los..."

(pág. 27).

Para forçar essa linha de côr, a que alude o crítico francês, o simbolista patrício pinta o corpo da "serpe venenosa" como sendo da "langue ondulação da água do Reno". (pág. 27).

Êsse sonêto retrata o drama incomum que a alma de Cruz e Sousa viveu, ao querer subir.

Os desfavores da existência, as dificuldades do lar doente criaram no seu espírito, a vontade de vencer. "O que domina em Cruz e Sousa é a viagem e a subida, é o dinamismo do arremêsso" — afirma Roger Bastide. (op. cit., pág. 125).

Comenta, ainda, o exegeta gaulês:

"O desejo do céu é tão alucinante e tão penetrante que se transforma numa mordedura da alma, e essa mordedura, por sua vez, em mordedura de serpente: O símbolo da serpente já não nasce, como na fase ainda meio parnasiana dos primeiros versos, por exemplo, nos "Cabelos", na passagem visual da madeixa de cabelos desenrolados a modo de serpente e, daí, a idéia da mordedura, mas é chamada pela experiência vivida, é solicitada pela propria sensação da mordedura, do desejo mergulhado num coração que partiu em busca das Essências". (op. cit., pág. 170).

É êsse o lado mais glorioso de Cruz e Sousa, essa sua ascensão dolorosa, mas constante, real, eficiente, conquistada, decerto, em cada desilusão, em cada humilhação, ao tombar de cada felicidade.

A Dor foi um ponto de apoio, nos remígios maravilhosos em busca do profundo Consôlo das almas martirizadas.

Mais feliz que Augusto dos Anjos, não se deixou levar por uma estesia pagã, não jogou o padecimento ao lago parado de mórbido materialismo.

Escreveu Jackson de Figueiredo que "não há dor para sempre estéril quando sinceramente amada de quem a sofre. (Pascal e a Inquietação Moderna, pág. 21).

Cruz e Sousa apegou-se à sua dor. O sofrimento tornou-se-lhe musa querida, sua inspiração predileta.

Muitos só nos revelam aquêle lado negativo do grande simbolista, aquêle seu aspecto inicial, tendo nas mãos a "chave da luxúria", segundo Roger Bastide.

Mas é que, apelando para o alto, obteve "a chave do sono e do sonho".

Adiantamos que, na sêde de ascensão que o afligia, conseguiu a "chave" da espiritualidade...

Cruz não confiou sua dor a um mero ideal epicurista, a um platonismo ôco, nem se deixou estar à sombra de ário nacionalismo.

Êle próprio observa:

"Vê como a Dor te transcendentaliza!
Mas do fundo da Dor crê nobremente.
Transfigura o teu ser na fôrça crente
Que tudo torna belo e diviniza. (*pág.* 187)

Foi êsse espiritualismo dominante, na parte principal da obra de Cruz e Sousa, que levou dois críticos católicos, os Srs. Jackson de Figueiredo e Tasso da Silveira, a reconhecerem, no Simbolismo, um clima propício à iniciante reação do catolicismo na esfera literária.

***

Por causa de análises apressadas, muitos costumam ver no martirizado poeta só o negro da libido, o recalcado, o intérprete da "Dança do Ventre", o lúbrico que aconselha:

"Sejam carnais todos os sonhos brumos
De estranhos, vagos, estrelados rumos
Onde as Visões do Amor dormem geladas"...
(Broquéis, pág. 30).

Não é só. A boa crítica leva à consideração do *élan* que fêz ascender a alma confrangida do grande poeta.

Sua preocupação pelo infinito redimiu-o "dos carnais sonhos brumos" que, de comêço, o envolveram.

Já em *Faróis,* Cruz e Sousa canta a doce balada do recordar, onde se antevê o senso de ascensão que lhe amparou a alma.

Encontramos vocábulos significativos dessa evolução psicológica, porque êle passou, como:

"Volta, recorda eternamente, volta
Aos faróis da Esperança.
Do Sonho estranho as grandes asas solta
À celeste Bonança.
Dá o teu braço, pelos céus sorrindo
E recordando parte.
E hás de entender os claros céus, sentindo
Que andas a recordar-te.
Para o Amor, para a Dor e para o Sonho
Nas Esferas transbordar...
E entre um soluço e um segrêdo risonho
Recorda-te, recorda..."
(Faróis, págs. 70, 71).

Novos rumos já traçava a alma sofredora do Poeta. Estrêlas, páramos, céus, esferas, primaveras, luz, são nomes sobremodo encontradiços.

No poema "Luar de Lágrimas", sente-se a insopitada angústia daquele coração, desolado e aflito, à procura de ar:

"E sem ninguém, ninguém que me responda
Tudo a minh'alma nos abismos sonda".
(Faróis, 158)

O senso de amplidão, asa, espaço, vôo, subida, forma o clima da poesia:

"Sobe e não cansa, sobe sempre, austera,
Pelas escadarias da Quimera.

Volta, circula, abrindo as asas, volta
E os vôos de águia nas Estrêlas solta.

Cada vez mais os vôos no alto apruma
Para as etéreas amplidões da Bruma".

Aqui, o poema arma uma "precipitação" de idéias, uma "aceleração" de movimentos rítmicos, o que o poeta consegue sugerir, magistralmente, por meio do encadeamento das proposições:

"E tanta fôrça na ascensão desprende
Da envergadura, à proporção que ascende...

Tamanho impulso, colossal, tamanho
Ganha na Altura, no Esplendor estranho,

Tanto os esforços em subir concentra,
Em tantas zonas de Prodígios entra.

Nas duas asas tal vigor supremo
Leva, através de todo o Azul extremo,

Que parece cem águas de atrás garras
Com asas gigantescas e bizarras".
(op. cit., pág. 158).

***

Opina Roger Bastide ser o trabalho de Cruz e Sousa uma "marcha para o misticismo cristão".

O grande simbolista não alcançou a plenitude da conversão, de aceitação total das verdades reveladas.

Não houve tempo para uma completa atitude em face de Deus. Viajando para Sítio, em Minas Gerais, onde buscava melhoras para os pulmões combalidos, eis que falece no dia imediato à chegada.

Andrade Muricy, em "Panorama do Simbolismo no Brasil", assim o narra, não esclarecendo se houve, pelo menos, uma bênção de Sacerdote, na hora final do poeta infeliz.

A intraduzível saudade, a permanente ânsia de alto, a nostalgia contagiante de infinito tornaram bela sua viagem para o misticismo cristão.

Já foi com tais sentimentos que cantou em "BROQUÉIS".

"Mas eu para lembrar mortos encantos,
Rosas murchas de graças e quebrantos,
Linhas, perfil e tanta dor saudosa,

"Tanto Martírio, tanta mágoa e pena,
Precisaria de uma luz serena,
De uma luz imortal maravilhosa"!...

(op. cit., pág. 58)

"Desenterrai-vos das sangrentas furnas
Sinistras, cabalísticas, noturnas,
Onde ruge o Pecado caudaloso...

Fazei da Dor, do triste Gôzo humano,
A Flor do Sentimento soberano,
A flor nirvanizada de outro gôzo!"

(Últimos Cantos, pág. 189)

Acreditou na Fé, na sua eficiência sôbre-humana:

"... do fundo da Dor crê nobremente.
Transfigura o teu ser na fôrça crente
Que tudo torna belo e diviniza".

Oh! crê! Tôda alma humana necessita
De uma Esfera de cânticos, bendita,
Para andar crendo e para andar gemendo!"

(op. cit., pág. 188)

Desejou repouso para sua pobre alma fatigada, desejou

"Um sonho lirial de estrêlas desoladas,
Onde as almas febris, exaustas, fatigadas
Possam se recordar e repousar tranquilas!"

"Um sonho lirial de estrêlas desoladas,
Onde as almas febris, exaustas, fatigadas
E nunca ais pressinta o remexer de argilas"!

(op. cit., pág. 188)

O movimento de subida se acentua cada vez mais nos "ÚLTIMOS CANTOS". É o grande ideal do Vate extraordinário.

Tudo lhe circunvola em tôrno dêsse sonho misterioso, dêsse motor ascensional, dessa mudança por que espera e até combate.

Daí êste poema da rara beleza poética:

"Luz que eu adoro, grande Luz que eu amo,
Movimento vital da Natureza,
Ensina-me os segredos da Beleza
E de tôdas as vozes por quem chamo.

Mostra-me a Raça, o peregrino Ramo
Dos Fortes e dos Justos da Grandeza,
Ilumina e suaviza esta rudeza
Da vida humana, onde combato e clamo.

Desta minh'alma a solidão de prantos
Cerca com os seus leões de brava crença,
Defende com os teus gládios sacrossantos.

Dá-me enlevos, deslumbra-me, da imensa
Porta esferal, dos constelados mantos
Onde a Fé do meu Sonho se condensa!"

(op. cit., pág. 197)

O sonêto "A Grande Sêde" é um ato de fé, é uma expressão de intenso amor, êle que foi cercado de intenso desamor:

"Se tens sêde de Paz e de Esperança;
Se estás cego de Dor e de Pecado,
Valha-te o Amor, o grande abandonado,
Sacia a sêde com amor, descansa.

Ah! volta-te a esta zona fresca e mansa
Do Amor e ficarás desafogado,
Hás de ver tudo claro, iluminado,

Da luz que uma alma que tem fé alcança.

O coração que é puro e que é contrito,
Se sabe ter doçura e ter dolência,
Revive nas estrêlas do Infinito.

Revive, sim, fica imortal, na essência
Dos Anjos, paira, não desprende um grito
E fica, como os Anjos, na Existência".
(op. cit., pág. 202)

E assim continua a cantar a grande ave ferida, em gorjeios doloridos de ânsias, de remígios largos, para os espaços:

"De soluço em soluço a alma gravita,
.. ..estremece,
Anseia, sonha, se recorda, esquece
E no centro da Luz dorme contrita".
(pág. 210).

Para, afinal, ... "despedaçar algemas
E respirar nas Amplidões supremas,
Respirar, respirar na luz radiosa".
(pág. 211).

A atitude magistral de Cruz e Sousa insuflou-lhe coragem de fita a vida, de tal modo que tudo êle

"Vence sem ânsias e sem custo...
Fica sereno num sorriso justo".
Por isso, assiste-lhe funda razão de tranquilidade interior, porque:

"Ondas interiores de grandeza
Dão-lhe esta glória ...."

Por fim:

".. .. .. transforma tudo em flôres...
E para ironizar as próprias dores
Canta por entre as águas do Dilúvio!"

***

Foi num banho de espiritualismo, numa conformação, nada epicuris-

ta nem platônica, mas espiritualista e cristã, que Cruz e Sousa **tentou** embeber as harmonias gloriosas dos "ÚLTIMOS CANTOS".

Se o momento sócio-espiritualista nacional não lhe permitiu maior oportunidade, mais concorre isso para nimbar o caráter e as atitudes do Cisne Negro dum intenso fulgor.

Por que não endossou o panteísmo parnasiano, então em fastígio? E à filosofia negativista de Machado de Assis, por que lhe não pediu que adotasse a sua Dor? Suas últimas composições poéticas trazem o acentuado sabor da consolação cristã. Nenhum ódio, desespero nenhum. Pelo contrário, tange a lira para aconselhar: Glória seja para a literatura brasileira a obra imortal de Cruz e Sousa, na sua mensagem de bondade e de ressurreição interior, em busca do espiritual.

Seja ela manancial fecundo de capitoso perfume, onde palpita deliciosa cordura para a estesia de quantos, talvez com aquela mesma sêde de ascensão, lhe procurem ver a encantadora Beleza.

Fortaleza, agôsto de 1957.